

HIV/AIDS EM LIVROS DIDÁTICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Youry Souza Marques ¹
Andréa Costa da Silva ²

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma tese em desenvolvimento que analisa a abordagem sobre HIV/AIDS nos livros didáticos de Ciências destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA é uma modalidade educacional voltada para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade dita apropriada. Considerando a importância da educação para a sexualidade e a relevância do tema HIV/AIDS, o estudo tem como objetivo investigar como esses livros didáticos abordam a temática, buscando identificar possíveis deslocamentos no ensino sobre o assunto. A pesquisa baseia-se em uma análise qualitativa dos livros didáticos nos anos de 2011 a 2014. Com o aporte de referenciais teóricos dos estudos de gênero e sexualidade nos voltamos para o campo educacional para pensar a Educação em Ciências e Saúde e assim, neste ensaio acadêmico, problematizamos alguns aspectos presentes nos livros didáticos quanto ao tema HIV/AIDS. Nesse sentido elaboramos de maneira inicial reflexões e apontamentos em dois eixos (1) História e cultura associada ao HIV/AIDS e (2) Elementos da estigmatização e discriminação relacionados ao HIV/AIDS. Por fim, espera-se que a pesquisa em andamento cumpra com o potencial de contribuir para a melhoria no debate sobre sexualidade na EJA, bem como, a redução das vulnerabilidades relacionadas ao HIV/AIDS.

Palavras-chave: Livro didático, Sexualidade, Ensino de Ciências, PNLD.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do meu doutorado e surge como parte dos desdobramentos e inquietações enquanto pesquisador, no processo de elaboração, reflexão e finalização da minha dissertação³ de mestrado sob o título: “Corpo, gênero e sexualidade em um livro didático de Ciências da Natureza do PNLD/EJA 2014”, realizado na Universidade Federal de Uberlândia em 2021. Naquele momento, não tive tempo hábil para me debruçar com maior profundidade em algo que havia despertado minha curiosidade científica com a percepção de algumas menções sobre HIV/AIDS presentes nos livros didático de Ciências da Natureza e Matemática destinados aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio. Portanto, avistei como uma oportunidade de dedicar mais tempo de pesquisa a nível de tese, em algo que havia me provocado nesse empreendimento de pesquisa iniciado no mestrado. Assim, devido a minha área de formação inicial em Ciências Biológicas (Licenciatura), bem como a trajetória no

¹ Doutorando do Curso de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, yurysmsm@gmail.com;

² Doutora e Mestra em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, acostadasilva@gmail.com;

³ Para ter acesso ao texto na íntegra acessar:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34230/1/CorpoG%c3%aaneroeSexualidade.pdf>

Mestrado em Educação, direcionei para esta pesquisa um olhar para as abordagens sobre o tema o HIV/AIDS e sexualidade situado no campo escolar, de forma mais específica, no livro didático.

Neste sentido, acreditamos que um trabalho como este se justifique pela possibilidade de aprofundamento de estudos e pesquisas que envolvam os temas: corpo, gênero e sexualidade articulados aos livros didáticos do PNLD EJA de Ciências, pois acreditamos que existam poucos artigos, dissertações e teses que tratam dos livros didáticos para esta modalidade. Portanto nota-se fragilidades na produção científica que valorize pesquisas pertencentes às análises dos livros didáticos nesse campo educacional, nos apoiamos também no que tem apontado (VILANOVA, 2012, p. 53) ao afirmar que relativo a EJA “[...] no caso da educação em Ciências, ainda são poucas as pesquisas que buscam articular as demandas desta modalidade da educação básica aos currículos, à didática e à produção e utilização de materiais educativos.” Tendo em vista tais questões, a investigação pretende colaborar para o crescimento das contínuas reflexões sobre campo que discute livros didáticos. No liame da Educação em Ciências e Educação em Saúde será possível avançar a teoria sobre os pontos nebulosos e por fim sugerir caminhos, inaugurar reflexões e explorar modos outros de pensar o tema de pesquisa.

Outro ponto, é que parte desse trabalho justifica-se por reconhecer que há um enfraquecimento devido ao escasso acesso de diálogos sobre gênero e sexualidade dentro dos muros da escola, e que o livro didático tem potência para fomentar uma gama de debates frutíferos pelas entradas e possibilidades nos conteúdos sobre DST, HIV/AIDS, métodos contraceptivos, porém devido a tremendas distorções⁴ na discussão sobre o tema, não são possíveis ou causam temores ao/as professores/as, não sendo permitido que os/as estudantes possam discutir (tendo um direito refutado) gerando vários desníveis pela chave das questões evocadas sobre corpo, sexo, sexualidade e gênero as quais se interseccionam as condições étnicas, raciais, etária ou de classe.

Com tais questões em mente, não é difícil sentir no cenário atual as intencionalidades conservadoras para o ocultamento das questões de gênero e sexualidade fazendo com que se evapore da circulação/convívio escolar. Desta forma, é certo que, as invisibilidades textuais, imagéticas e conseqüente o desencorajamento de ordem atitudinais dos/as professores/as em suas práticas pedagógicas podem levar a negar as aprendizagens essenciais tanto preconizadas simbolicamente pelos documentos oficiais. Por conseqüência, acabam desmobilizando a

⁴ Leia como uma das mais sombrias o projeto “Escola Sem Partido”, que em curta explicação é um verdadeiro mutilador de Direitos Humanos.

potência crítica dos/as estudantes ao desconectar as vivências, diálogos e construções para uma vida de maior emancipação intelectual, seja quanto ao conhecimento sobre HIV/AIDS ou sexualidade de modo ampliado, bem como outros temas correlatos.

O HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), conhecido por seu caráter estigmatizante associado desde 1980, primórdios da infecção, que por seu agravamento ocasionava a AIDS, popularmente atribuída aos homens gays, mas também por usuários de drogas injetáveis. Tal aspecto, aparece expresso por Araújo (2016) quando comenta sobre os primeiros boletins do Center of Disease Control⁵ (CDC) onde em descrição tendenciosa relata: “[...] cinco jovens do sexo masculino, sem história pregressa de imunodeficiência, de orientação homossexual, moradores de Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída a um micro-organismo já conhecido” (ARAÚJO, 2016, p. 39). Conforme relata Araújo (2016) a chamada “epidemia gay” ou “peste gay” ficou assim nomeada, pela veiculação midiática da referida década, aspecto muito inclinado pelas lideranças religiosas daquele tempo em seus exercícios e forma de atuação do poder.

Renan Quinalha (2021) também menciona esse mesmo período exposto por Araújo (2016) em que o HIV/AIDS se alastrava recebendo nomes inadequados, mas fornece outros traços desse tempo na década de 1980:

É nesse contexto que emerge um movimento organizado de pessoas LGBTI+. Ainda que rastros de lutas e resistências anteriores não devam ser esquecidos ou subestimados, é a partir da Rebelião de Stonewall, em 1969, que muita coisa se altera com a radicalização de uma agenda da diversidade sexual e de gênero. Os ativismos deixam de pleitear apenas assimilação e integração nos modos hegemônicos de vida para reivindicar, a partir do orgulho de ser diferente, uma refundação da própria sociedade e de sua gramática moral.

[...]

No entanto, em uma comunidade LGBTI+ bastante diversa, as visões que circulavam foram muitas vezes diferentes e até contrapostas. A doença representava, naquele momento, uma ameaça à revolução do desejo e do amor livres que os homossexuais encarnavam. **Parecia, à primeira vista, mais uma criação perversa do discurso médico para tentar controlar a vida, os corpos e a sexualidade daqueles que não se conformavam aos padrões de uma sociedade que buscava restituir a centralidade da família tradicional, patriarcal e heteronormativa.** Assim, alguns setores da comunidade olhavam com ceticismo e desconfiança o risco de repatologização dessas identidades. Outros, contudo, engajaram-se desde a primeira hora no diálogo com demais atores, estatais e da sociedade civil, para ampliar o enfrentamento à doença. (QUINALHA, 2021, n.p, grifo nosso)

⁵ É uma agência federal dos EUA, localizada em Atlanta, Geórgia, dedicada a proteger a saúde pública e prevenir doenças, lesões e incapacidades. O CDC realiza pesquisas, coleta dados epidemiológicos, fornece orientações de saúde e realiza programas de prevenção e controle de doenças. Suas áreas de atuação incluem controle de doenças infecciosas, como HIV/AIDS, doenças transmitidas por vetores e doenças respiratórias, além de abordar saúde ambiental, ocupacional, global e outros temas de saúde pública.

Segundo Araújo (2016), após os religiosos terem conhecimento de um dos modos de transmissão, por relações sexuais desprotegidas, atrelaram o quantitativo de mortes aos moldes das práticas homossexuais e a doença foi rotulada como um “castigo de Deus” devido ao agravamento do estado de saúde das pessoas infectadas, em uma época de nebulosidades e ainda incipientes conhecimentos e investigações científicas sobre o vírus HIV.

Ao se tornar tema de maior ampliação para debate e pauta de enfrentamento em políticas públicas, uma vez que o vírus não se restringia a população de orientação sexual dita “desviante”, a exemplo de homens e mulheres: gays, lésbicas, travestis, bissexuais em toda sua ampliação de diversidade sexual; o HIV e a AIDS deslocam-se de um *locus* restrito da saúde preventiva para ser pensado em outras esferas visto que a discussão está entremeada em diferentes espaços sociais, sendo a escola um deles.

Apesar dos avanços na compreensão do HIV/AIDS, ainda persistem o estigma e a discriminação contra pessoas que vivem com a **doença-infecção**. Esses obstáculos podem prejudicar a capacidade dessas pessoas de acessar tratamentos e cuidados de saúde adequados, devido ao medo, à desinformação e a outros fatores que vão além das explicações biológicas e biomédicas. Oliveira (2020, p. 229-230) explica que desde a primeira década da pandemia “[...] o HIV e a AIDS não estavam restritos à prática e pesquisa biomédica, mas também englobavam aspectos sociais, políticos, econômicos, psicológicos, entre outros.” Mas é preciso destacar que, os aspectos sociais sobre HIV/AIDS que hoje são validados em termos de importância científica, não eram os mesmos de décadas passadas onde a saúde pública e sociedade em geral eram reféns do sanitarismo autoritário e centralizador. Segundo Pimenta et al. (2002) é no contexto dos últimos anos que as pesquisas têm se concentrado intensamente na identificação dos fatores estruturais e comportamentais que influenciam o risco e a vulnerabilidade da população à infecção pelo HIV, por exemplo.

Pimenta et al. (2002, p. 47) investem em evidenciar pesquisas sociais no Brasil que abordavam a sexualidade e a AIDS, no trânsito entre as áreas da demografia e da cultura sexual, tais autores enfatizam que:

Os primeiros estudos de maior relevância no Brasil foram aqueles de base populacional, que trouxeram informações significativas para a compreensão da sexualidade, ainda que de forma tangencial ao problema das doenças sexualmente transmissíveis, tendo sido originados no contexto de desenvolvimento de pesquisas no campo da saúde reprodutiva. Assim, não podemos deixar de mencionar que o enfoque da sexualidade não emergira como tema central de análise. Em seu lugar, era dada atenção às questões dos métodos de contracepção, gravidez e riscos associados à mortalidade materna especificamente e à morbidade da população feminina.

Por meio de Pimenta et al., podemos entender que a falta de estudos imediatos sobre questões sociais mais amplas relacionadas à sexualidade e à AIDS no passado foram resultado de um ambiente científico limitado e com um pouco mais de criticidade, diríamos preconceituoso, onde temas considerados tabus foram negligenciados ou deixados de fora das agendas de pesquisa dos grupos de investigadores/as da época. Esses fatores contribuíram para tornar esses temas sociais secundários em relação a outras questões que recebiam mais atenção na época. Toda essa lógica de prioridades, tem como pano de fundo os investimentos econômicos.

Mas, ainda para nos colocarmos no exercício do pensamento quanto aos aspectos sociais sobre HIV/AIDS e sexualidade retomamos as contribuições de Pimenta et. al. (2002) como ponto de retomada o quesito produção do conhecimento científico. Quando a autora e demais autores explicam que “A maioria dos pesquisadores no Brasil, como nos demais países, não tinha interesse em pesquisar a sexualidade e, menos ainda, a homossexualidade, por não considerar esses temas “nobres” ou “dignos” para a academia.” (PIMENTA ET AL., 2002, p. 48) contextualizando, dessa forma, o período entre 1985 (surgimento da AIDS) até início dos anos 1990.

Por essa via, podemos estabelecer um paralelo entre, como os conhecimentos sobre o assunto em foco podem ser mediados por professores/as e a importância de livros didáticos (LD) para composição de aulas, sequências didáticas, projetos escolares que eduquem de modo mais assertivo, não estigmatizante e empático. Corrêa e Silva (2022, p. 4) ao tratar de diálogos sobre AIDS em livros didáticos de Ciências, afirmam “[...] a escola tem um papel central no trabalho educativo, portanto, na formação conceitual, na participação da prevenção da AIDS, na busca pela redução das vulnerabilidades e na desconstrução de preconceitos e de estigmas.” Assim, será nessa perspectiva de trabalho educativo que refletiremos sobre escola, Ensino de Ciências e Saúde, livros didáticos, sujeitos escolares e a vida humana.

Nesse trabalho, buscamos problematizar sobre alguns aspectos que podem estar presentes nos livros destinados aos jovens e adultos quanto ao tema HIV/AIDS. A metodologia empregada pautou-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, aos moldes de um ensaio acadêmico e para tanto, utilizou-se da pesquisa documental, a partir de obras - Livros didáticos de Ciências da EJA distribuídos via PNLD/EJA 2011 e 2014. Este ensaio acadêmico apresenta a seguinte estrutura: a) Introdução; b) Reflexões e apontamentos sobre o tema HIV/AIDS nos livros didáticos; c) considerações finais. Salientamos, ainda que a reflexão se refere a uma tese em andamento por isso, nos detivemos em traçados iniciais na discussão.

REFLEXOES E APONTAMENTOS SOBRE O TEMA HIV/AIDS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nessa seção, traremos à baila considerações pontuais realizados a partir de textos e imagens localizados em livros didáticos de Ciências do PNLD/EJA, em dois eixos de análise que emergiram. Essas considerações nos levaram a reflexões e apontamentos ainda preliminares sobre como a temática que envolve o HIV e AIDS é exposta e explorada como conteúdo na educação escolarizada. O público-alvo desse material é composto em sua maioria por jovens e adultos, mas também inclui idosos, visto que se trata da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em tempos nos quais os métodos de investigação sobre a dinâmica de infecção pelo HIV eram insuficientes, juntamente com a escassez de dados para compreender a sexualidade humana, houve um déficit de pesquisas e intervenções metodológicas e teóricas eficazes para a década inicial após o surgimento da doença. (PARKER; GAGNON, 1995). À medida que o tempo passou e com a perspectiva contemporânea da história do HIV/AIDS, é possível observar o aumento na atividade de pesquisa, apesar do seu caráter contraditório, conforme enfatizado por Greco (2016, p. 47):

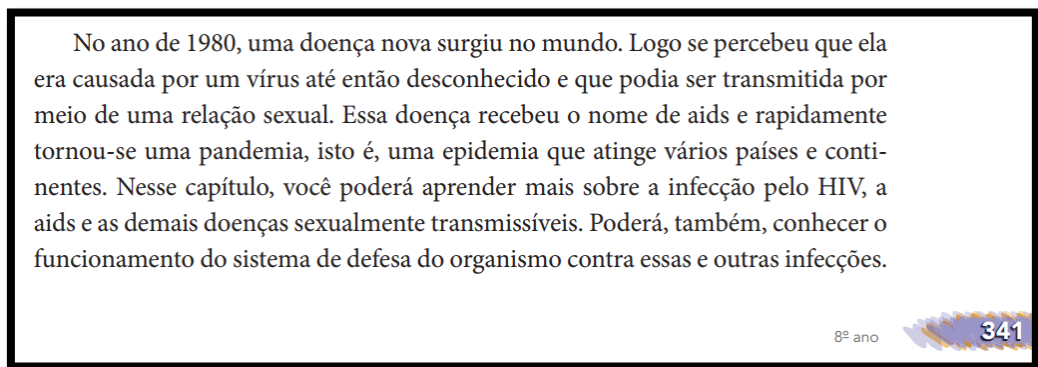
Contraditória e positivamente, a disseminação da AIDS trouxe subprodutos benéficos, [...] o envolvimento da sociedade civil exigindo acesso à informação, verbas para pesquisa e novos medicamentos, além da expansão da discussão sobre temas complexos (direitos sexuais, direitos humanos, morte, uso de drogas, confidencialidade).

O que Pimenta et. al (2002, p. 48) enfatizam ao comentar sobre os avanços em termos de pioneirismo e descobertas na ascensão da epidemia, dizendo que: “[...] intensificou a atividade de pesquisa em resposta a este emergente problema de saúde pública, numa tentativa de suprir a grande lacuna de informações na área”. Tal perspectiva corrobora com a forma em que Quinalha (2021) percebe a história das lutas sociais no Brasil e a mobilização das pessoas que vivem com HIV/AIDS e do movimento LGBTI+ com um caráter comovente. Dado que, apesar das muitas mortes e do trauma coletivo associado à morte por AIDS dentro da comunidade LGBTI+, especialmente devido ao descaso inicial dos governos e empresas, os esforços desses grupos foram cruciais. Graças a eles, o país se tornou uma referência global em sistemas de saúde e, em particular, em políticas relacionadas ao HIV/AIDS.

Com base no exposto, podemos inicialmente questionar quando a (1) *História e cultura associado ao HIV/AIDS*, junto a figura 1 a fim de explorar a historicidade da epidemia de

HIV/AIDS e seu impacto em diversas populações e grupos, bem como, expandir para compreender as normas culturais e religiosas relacionadas à sexualidade e ao HIV/AIDS nos livros didáticos de ciências. Nesse sentido, podemos refletir se os materiais atualmente em circulação, ou que já circularam pelas escolas brasileiras, efetivamente destacam a comunidade de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e demais não apenas sob a perspectiva do "grupo de risco," isto é, aqueles ditos mais vulneráveis ao vírus. Devemos também ponderar se tais materiais refletem as considerações e posições sociopolíticas da participação desse grupo de pessoas, que desempenhou um papel positivo na configuração das atuais políticas públicas. Afinal, esses materiais contêm indícios sobre a expansão do acesso e/ou promoção da equidade na oferta de ações e serviços de saúde destinados à população LGBTI+? Quais recortes históricos são descritos com o surgimento da epidemia?

Figura 1 – Recorte de texto da página 341



Fonte: Coleção Viver, Aprender/Mundo em construção, 8º ano: ensino fundamental

Mas retomando o contexto de estudos e pesquisas, hoje já contamos com excelentes trabalhos reivindicados por movimentos sociais e pela própria comunidade de pessoas vivendo com HIV. O enfoque dessas pesquisas se direciona para as questões sociais, e não mais restrito aos aspectos epidemiológicos por meio de uma abordagem biológica. Parker e Aggleton (2003) contam que a busca por demasiados dados descritivos conduziram as primeiras pesquisas para uma metodologia de estudo do tipo KAPB (Knowledge, Attitudes, Practices and Behaviors) que metodologicamente pretende avaliar o conhecimento, atitudes, práticas e comportamentos de uma determinada população, mas com limitações que no contexto do HIV/AIDS podem tender para a subestimação ou superestimação dos comportamentos e práticas, os autores mencionam também os estudos demográficos.

A pesquisa *Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS – Brasil*⁶, realizada pela primeira vez no país em 2019, é um desses trabalhos exemplares que pautam a documentação das experiências de estigma e discriminação de pessoas vivendo com HIV/AIDS. De acordo com o estudo, 64,1% das pessoas entrevistadas relataram ter sofrido alguma forma de estigma ou discriminação devido à sua condição de viver com HIV ou AIDS. Comentários discriminatórios ou especulativos afetaram 46,3% dos entrevistados, enquanto 41% afirmaram ter sido alvo de comentários feitos por membros de sua própria família. Sobre o tópico revelação do estado sorológico, o modo desautorizado em que outras pessoas passam a saber apontam que o ambiente escolar - colegas de escola (18,2%) e professores (15,3%) - e a vizinhança no bairro - vizinhos (24,6%) - podem ser deletérios e constrangedores para pessoas vivendo com HIV/AIDS por não ser íntimos, dos respondentes do estudo. Além disso, o estudo constatou que um grande número dessas pessoas já foi submetida a outras formas de discriminação, tais como assédio verbal (25,3%), perda de emprego ou de renda (19,6%) e, em casos extremos, agressões físicas (6,0%). (UNAIDS, 2019).

Nessa perspectiva, nos empenhamos em uma análise crítica, buscando identificar os nuances sutis ou explícitos como (2) *elementos da estigmatização e discriminação relacionados ao HIV/AIDS* que os livros didáticos de Ciências podem tanto combater quanto propagar como deslize. Consideramos os livros didáticos como poderosos artefatos culturais, e, como tal, não podemos negligenciar as discussões críticas que devem/podem ocorrer no contexto escolar sobre o HIV/AIDS e os desafios enfrentados pelas pessoas vivendo com o vírus, em relação ao estigma e à discriminação (figuras 2 e 3).

É um fato que os estudantes da modalidade EJA, ao longo do tempo, provavelmente já tenham adquirido conhecimentos prévios sobre o HIV, seja através da figura emblemática de artistas que vivem/viveram com o HIV, notícias sobre mortes causadas pelo vírus, o temor de contrair esse tipo de microrganismo em suas relações sexuais e outras variáveis relacionadas ao medo, desinformação ou indiferença. Novamente mais perguntas nos foram surgindo: seria a inclusão de conteúdo sobre o HIV/AIDS nos livros didáticos de ciências mais uma oportunidade para esclarecimento e superação de preconceitos, indo além dos aspectos puramente biológicos? Quais espaços e contextos são escolhidos para abordar esse tema? Quais são as implicações de destacar ou marginalizar o HIV/AIDS nas páginas desses livros didáticos?

⁶ https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Exec_Sum_ARTE_2_web.pdf

Figura 2 – Recorte de texto da página 305

1. Elabore uma explicação para o aumento do número de casos de aids, principalmente entre as mulheres e os idosos. Troque ideias com seus colegas e registre suas conclusões.
Respostas possíveis: Aumento no número de mulheres infectadas; falta de informação sobre o uso de camisinha; liberação sexual (muitos parceiros) etc.
2. Imagine que um de seus amigos descobriu que é portador do vírus HIV. Como seria sua convivência com ele? Justifique.
Resposta esperada: Continuará a mesma. Morar na mesma casa, trabalhar ou estudar junto com portadores de HIV não significa que você será contaminado.

155 // 7º ANO

UNIDADE 2 • SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA 305

Fonte: Coleção tempo de aprender; EJA 6º ao 9º ano; manual do educador

Figura 3 – Recorte de texto e imagens da página 373



Fonte: Coleção Viver, Aprender; Vivências e aprendizagem/ ensino fundamental.

Embora nos abstenhamos de formular comentários que expressem uma análise mais aprofundada, as provocativas introduzidas neste contexto serão mais amplamente abordadas na tese em curso. É crucial salientar que as discussões acerca do HIV/AIDS permeiam o domínio da sexualidade, e é imperativo não negligenciar que diferentes discursos sobre esse tema variam de acordo com a localidade, as políticas educacionais que favorecem ou não determinadas exposições e as normas culturais. Ao analisar livros de distribuição nacional, podem surgir tensões à medida que educadores mediam tais materiais. Assim, o conteúdo dos livros didáticos pode ser adaptado para atender às necessidades específicas de uma determinada região, comunidade ou grupo. Recomenda-se obter informações atualizadas sobre as discussões mais recentes em livros didáticos relacionados ao HIV/AIDS e à sexualidade, para que, ao longo do tempo, um artefato cultural tão potente como esse seja explorado da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve trabalho tendo por base alguns fragmentos de livros didáticos de Ciências do PNLD/EJA, elaboramos de maneira inicial reflexões e apontamos em dois eixos (1) *História e cultura associada ao HIV/AIDS* e (2) *elementos da estigmatização e discriminação relacionados ao HIV/AIDS* aos moldes de um ensaio acadêmico, de base documental e natureza qualitativa. Pautamos por fim, que o ensino de HIV/AIDS para estudantes da modalidade escolar Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser sensível às necessidades e experiências desse grupo de alunos, que muitas vezes tem experiências de vida e níveis de conhecimento diversos.

Esperamos que o estudo, em curso, contribua para a compreensão do contexto de ensino sobre HIV/AIDS na EJA e forneça subsídios para aprimorar a abordagem dessa temática nos livros didáticos utilizados nessa modalidade de ensino ou como reflexão para práticas docentes na EJA. Além disso, almejamos que os resultados em reflexões vindouras possam auxiliar professores, gestores educacionais e elaboradores de materiais didáticos a desenvolver estratégias mais efetivas para uma educação que se proponha e ensinar tópicos sobre sexualidade na EJA, promovendo a conscientização, a prevenção e o combate ao estigma associado ao HIV/AIDS, bem como ativação de outros pontos da história. Dessa forma, a pesquisa em andamento tem o potencial de contribuir para a melhoria no debate sobre sexualidade na EJA, bem como, a redução das vulnerabilidades relacionadas ao HIV/AIDS.

AGRADECIMENTOS: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana C. C. **A AIDS e a imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do dia mundial da luta contra Aids de 1988 a 2013.** 2016. Tese (Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde - PPGICS ICICT/FIOCRUZ). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/25378/ana_araujo_icict_dout_2016.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso: 23 jan. 2023.

BAZZONI, Claudio et al. **Mundo em construção**, 8º ano: ensino fundamental: educação de jovens e adultos. 2. ed. São Paulo: Global, 2013. 432 p. (Viver, aprender).

BUNZEN, Clecio et al. **Vivências e diversidade**, volume A: anos iniciais do ensino fundamental. 2. ed. São Paulo: Global, 2013. 400, 480 p. il. (Viver, Aprender). ISBN 978-85-260-1861-7 (aluno) - 978-85-260-1862-4 (educador).

CORRÊA, L. M. C. ; SILVA, E. E. P. de Q. AIDS: o diálogo entre livros didáticos de Ciências (PNLD 2017/2020), professores/as e alunos/as. **Revista de Educação PUC-Campinas**, [S. l.], v. 27, p. 1–17, 2022. DOI: 10.24220/2318-0870v27e2022a5765. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5765>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GRECO, D. B. Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21(5), 1553-1564. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/65XMXBCdW7mX6mMY5Zp4QHS/abstract/?lang=pt> Acesso em: 22 abr. 2023.

OLIVEIRA, K. H. de. A pesquisa em HIV/aids nas ciências sociais: uma análise das teses e dissertações brasileiras (1990-2018). **Temáticas**, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 227–270, 2020. DOI: 10.20396/tematicas.v28i55.14166. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/14166>. Acesso em: 9 maio. 2023.

PARKER, R. & AGGLETON, P. (2003). HIV and Aids related stigma and discrimina - tion: a conceptual framework and implications for action. **Socio Science & Medicine**, 57:13-2

PARKER, Richard; GAGNON, J.H. (Eds.): **Conceiving Sexuality: Approaches to Sex Research in Postmodern World**. New York and London: Routledge, 1995.

PIFAIA, Clarinda Mercadante de Lima; GONÇALVES, Sandra Angélica. **EJA 6º ao 9º ano: ciências: manual do educador**. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2013. (Coleção tempo de aprender). ISBN 978-85-342-3622-5.

PIMENTA, Maria Cristina; PASSARELLI, Carlos André F.;BRITO, Ivo; PARKER, Richard. As pesquisas sociais sobre sexualidade e AIDS no Brasil: entre a demografia e a cultura sexual (1980-2000). PARKER, R.; TERTO JR., V. (Org.). **Anais...** In: SEMINÁRIO “PESQUISA EM DST/AIDS: DETERMINANTES SÓCIO-DEMOGRÁFICOS E CENÁRIOS FUTUROS”, Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: https://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20pesquisa%20em%20DST%20AIDS%2002.pdf. Rio de Janeiro: Acesso em: 19 jan. 2023.

QUINALHA, Renan. **O significado da epidemia de HIV/Aids para a comunidade LGBTI+**. 2021. Diadorim, Opinião. Disponível em: <https://adiadorim.org/opinioao/2021/01/o-significado-da-epidemia-de-hiv-aids-para-a-comunidade-lgbti/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

UNAIDS. Sumário Executivo. **Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS – BRASIL**. 2019. Disponível em: <https://unaids.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>. Acessado em:12 abr. 2023.



VILANOVA, Rita. O livro didático de ciências na educação de jovens e adultos: uma análise crítica e alguns subsídios para avaliação e escolha pelo professor. In: MARTINS, Isabel; GOUVÊA, Guaracira; VILANOVA, Rita (ed.). **O livro didático de Ciências: contextos de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula.** Rio de Janeiro: Faperj, 2012. p. 1-2023

GOUVÊA, Guaracira; VILANOVA, Rita (ed.). **O livro didático de Ciências: contextos de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula.** Rio de Janeiro: Faperj, 2012. p. 1-2023.